
NOMES E SOBRENOMES: POSSIBILIDADES NOS PRIMEIROS PASSOS DA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS

Patrícia Ferreira Duarte¹
Carolina Alves Mata Gasparete^{**}

Apresentação

Este relato apresenta uma experiência desenvolvida em março de 2017 no Colégio de Aplicação João XXIII, em Juiz de Fora- MG, envolvendo as turmas de 1º ano do ensino Fundamental. Sua elaboração se deu a partir de nosso projeto coletivo de trabalho " Eu, o outro e o mundo: minha vida de criança". A partir das histórias envolvidas no nome de cada criança, se desencadearam possibilidades de trabalho com a leitura e a escrita, perpassando diferentes gêneros textuais. Da história do nome e origem dos sobrenomes chegamos à relação intrínseca que estes possuem com a história de suas famílias, elementos que fomentaram a significação e contextualização da escrita do nome próprio, além da construção de uma árvore genealógica pelas crianças.

Caracterização da escola

O Colégio de Aplicação João XXIII é uma instituição vinculada à Universidade Federal de Juiz de Fora e está situado no bairro Santa Helena na mesma cidade. Tem por objetivo o trabalho a partir do tripé: ensino, pesquisa e extensão. Atualmente conta com quatro turmas de primeiros anos com crianças de 5 a 7 anos. Cada turma possui 20 alunos selecionados através de sorteio aberto anualmente às famílias de Juiz de Fora e região. Algumas dessas crianças estão cursando o primeiro ano pela segunda vez, pois dentro desta faixa etária há mais vagas no sorteio. As turmas geralmente se empenham na realização das atividades propostas por estarem sempre perpassadas pela ludicidade. Entendemos que nesta forma de seleção reside uma concepção de escola e de educação,

* Graduada em Pedagogia, Professora do Colégio de Aplicação João XXIII, pduarteufjf@gmail.com

** Graduada em Pedagogia, Professora do Colégio de Aplicação João XXIII, carol_gasparete@hotmail.com



onde a heterogeneidade é vista como um elemento que auxilia no desenvolvimento das crianças e não como um obstáculo.

Estar nesse ambiente foi fundamental para a produção desta experiência, pois o desafio de alfabetizar crianças de diferentes classes socioeconômicas e culturais é enfrentado por nós com um constante trabalho interdisciplinar imerso nas contribuições das crianças a partir de seu contexto familiar. Reunimo-nos quinzenalmente para a constante reflexão do projeto coletivo de trabalho “ Eu, o outro e o mundo: minha vida de criança”, momento em que professores de todas as áreas que estão em contato com as turmas de primeiro ano trocam suas experiências e a partir delas constroem um planejamento conjunto e interdisciplinar. A qualificação dos professores (em maioria mestres e doutores em educação) é outra aliada no trabalho pedagógico e que nos permite, por conta de participarem de projetos de pesquisa e extensão, refletir à luz da teoria nossa trajetória enquanto docentes.

Fundamentação Teórica

Das etiquetas para dentro dos cadernos e livros, o nome próprio antes das pesquisas de Emília Ferreiro, não era visto para além de uma assinatura. Na medida em que os resultados de seus estudos trouxeram à luz o desenvolvimento da escrita como um processo no qual a criança se encontra em permanente reflexão, o nome próprio começa a ocupar um novo lugar no processo de alfabetização (SILVA, SANTIAGO, 2015).

Isso ocorre porque diferente das outras palavras “o nome confere-lhe uma carga afetiva do sujeito no meu produto” (MOREIRA, 1991, p.48). Ao observarmos o processo da construção da escrita de nossos alunos é comum vermos uma predominância das letras de seus nomes em relação às demais, principalmente quando se sentem mais inseguros e ainda apresentam receios diante do papel. Ferreiro (1982) afirma que o nome próprio é ainda mais importante no processo de aquisição da escrita, entre crianças de classe média e baixa. Na mesma esteira, Teberosky (1993) reconhece esta relevância: “A escrita do nome próprio parece ser uma peça-chave para o início da compreensão da forma de funcionamento do sistema de escrita” (TEBEROSKY, 1993).

Se o nome próprio nos apresenta múltiplas possibilidades no que se refere ao processo de alfabetização, acreditamos que aliar este trabalho à música e à literatura pode nos render ainda mais frutos. No primeiro ano do ensino fundamental é necessário que nos preocupemos com a ruptura que comumente há na passagem da Educação Infantil às Séries Iniciais do Ensino Fundamental: “a ludicidade perde espaço para os livros didáticos e exercícios repetitivos, conduzindo às práticas enfadonhas e descontextualizadas” (GOÉS, 2009). Para que isso não ocorra, a música e a literatura



podem embalar momentos de diversão e aprendizagens imersas no lúdico, resultando em excelente resultados no ambiente educativo.

O trabalho com a música diante de uma sala com crianças em diferentes etapas no processo da alfabetização é valioso também por proporcionar a participação e o envolvimento entre as crianças:

O analfabeto poderá, com efeito, participar, grandemente, através de disco, da televisão e do cinema falado e cantado, de artes por algum tempo dirigidas principalmente ao alfabetizado capaz de ler livro, revista ou jornal com a arte do romance, sob a forma de obra literária, a do conto, a do folhetim redigido para jornais, a do poema escrito ou impresso (FREYRE, 1980, p.79).

A literatura favorece ainda mais esse processo na medida em que traz um universo de emoções e sentimentos, desenvolvendo a imaginação, o pensamento e possibilitando a problematização de elementos presentes no cotidiano das crianças, muitas vezes recriados nas histórias infantis.

No caso do livro utilizado (Guilherme Araújo Augusto Fernandes), consiste principalmente em uma ponte para o resgate e a reflexão de diversos significados de memória: um elo entre o presente e o passado (conteúdos trabalhados concomitantemente nas aulas de matemática, assim como as diferentes fases da vida). Aproveitamos para mesclar esses elementos subjetivos, às diferentes histórias das famílias que tem no nome próprio um registro de relações pertencentes às trajetórias das crianças.

Sobre a relevância do trabalho com a literatura infantil no processo da alfabetização, Oliveira (2017, p.10) acrescenta:

O trabalho com a literatura infantil possibilita a ligação entre ler e escrever, além do resgate padrão da língua de estruturas linguísticas complexas, desenvolvendo de modo globalizado, o desempenho linguístico dos falantes.

Escolhemos textos que conversassem e contextualizassem o porquê de termos um nome e sobrenomes, incentivando essa reflexão nas crianças.

Descrição da experiência

Para a realização do primeiro momento enviamos previamente uma tarefa de casa onde as famílias deveriam auxiliar às crianças para que descobrissem e relatassem a origem de seus nomes: Quem o havia escolhido e porquê. A partir deste levantamento, iniciamos as aulas do mês de março



com as apresentações dessas histórias. A cada aula 5 crianças apresentavam a história de seus nomes. Muitos se empolgaram e compartilharam com os colegas o significado dos nomes.

Após esses relatos exploramos a escrita dos os nomes das crianças. Cada um deveria escrever seu nome em uma folha. Trabalhamos com a identificação das letras iniciais, contagem do número de letras (colando pedaços de EVA em cima de cada letra), quais eram vogais e quais eram consoantes e qual era o nome maior e o nome menor de todos os colegas. Os donos dos maiores e dos menores nomes se empolgaram por verem estes escritos no quadro e vendo seus colegas, posteriormente escrevendo esses nomes no momento de registrar essas descobertas.

A partir daí iniciou-se um processo de relação de pertencimento e de conhecimento sobre cada nome. As letras já não eram mais todas iguais, pois as que faziam parte da identidade de cada um se tornaram visivelmente as preferidas! O “P” era do Pedro e o “M” do Miguel.

Em um terceiro momento ouvimos a música “Gente tem sobrenome” de autoria do cantor e compositor Toquinho. E depois de cantar e dançar bastante, todos receberam a letra da música para colar no caderno e buscar palavras e letras conhecidas. Os alfabéticos conseguiam ler frases, os pré-silábicos começavam a se aventurar numa tentativa de leitura. Já os silábicos-alfabéticos identificavam algumas vogais buscando se encontrar com a canção.

Instigamos a interpretação do que ouvimos, nos utilizando também do instrumento do livro didático (MIRANDA et al., 2014) com perguntas do tipo: Do que essa música fala? O que é um sobrenome? Por que eles existem? Tudo tem sobrenome? Quem é que tem (coisa/gente)? O autor tem um apelido (Toquinho), você tem apelido? Há apelidos que ofendem? Devemos chamar um colega com um apelido que ele não goste?

Tendo entendido melhor a importância dos sobrenomes, trabalhamos a intertextualidade entre a história “Guilherme Araújo Augusto Fernandes” escrita por Mem Fox, com ilustrações de Julie Vivas e a música “Gente tem sobrenome” da autoria de Toquinho. A partir da leitura do livro, cujo tema principal é memória, trabalhamos a escrita de algumas palavras citadas na história, e começamos a falar e conhecer mais os sobrenomes, uma vez que, os personagens principais do livro possuem muitos sobrenomes!



Nesta etapa, demos continuidade das construções em torno do nome próprio e abriram-se discussões acerca do significado de memória: Porque eles têm tantos sobrenomes? Como sabemos que o Guilherme não é o da sala ao lado? De onde vem os sobrenomes? Os sobrenomes de vocês são



de quem? O que é memória para vocês? Esses sobrenomes trazem alguma memória? Quem tem mais sobrenomes aqui na sala? E menos?

Nas aulas seguintes, as crianças registraram seus sobrenomes no caderno copiando-os de fichas que fazemos sempre no início do ano por aluno, contendo apenas seu primeiro nome e no verso o nome completo. Percebemos que algumas crianças passaram a escrever seus sobrenomes em atividade subsequentes de diferentes disciplinas, por agora compreenderem a importância dos mesmos para sua identificação.

Algumas crianças já tinham familiaridade com os seus sobrenomes e o sabiam escrever, outras apenas haviam decorado sua escrita, mas quase nenhuma delas sabia de onde vinham os sobrenomes. Este trabalho permitiu-nos também o movimento da interdisciplinaridade, traçando possibilidades também para o desenvolvimento de conteúdos pertinentes à História como diferentes fases da vida e do crescimento, além da construção da contextualização dos sobrenomes com a produção de árvores genealógicas. Foi fundamental poder contar constantemente com o conjunto da equipe do 1º ano para traçar tal caminho, pois na escola há, desde o início da vida escolar, diferentes professores por área.

Começamos por fim, o processo de subjetivação dos sobrenomes solicitando agora que como tarefa, as crianças desenhassem pais e/ou mães, avôs e/ou avôs etc. Optar por ser uma atividade a ser realizada em casa foi também uma forma de buscar saber o que cada família gostaria que fosse trabalhada, respeitando seus valores e memórias.

Trazidas de casa as famílias desenhadas, conversamos sobre a quantidade de irmãos, irmãs, se há pais ou apenas mães, ou apenas avôs, tomando cuidado para que não houvesse uma busca por um padrão de família pelas crianças e em nossas falas.

Com estes desenhos construímos uma árvore genealógica, explicando esse recurso para as crianças, sua função e a semelhança com a estrutura de uma árvore.

Avaliação dos resultados

A escrita do nome próprio diz muito sobre o aluno, principalmente aquele que está sendo alfabetizado. O nome representa a identidade e a história de cada um. Quando o aluno entende a importância e a história de seu nome, aquele conjunto de letras passa a ter significado e a representar aquela criança.

As crianças conseguiram familiarizar-se com a escrita de seus nomes observando com mais atenção as diferentes letras que os compõe, e perceberem a diferença entre nomes próprios e



comuns. Ao se familiarizarem com a escrita dos próprios nomes e dos nomes dos colegas, isso acaba criando um repertório maior de palavras, letras e sons, o que as faz pensar na escrita de outras palavras e também as ajuda em suas hipóteses de escrita.

Esta atividade proporcionou uma maior socialização entre os que ainda estavam em fase de reconhecimento do espaço. Além disso, ao final do processo também reconheceram seus sobrenomes e passaram a escrevê-los para se identificarem nas atividades, pois agora fazia sentido para elas e por compreenderem a origem e a relevância dos mesmos.

Considerações Finais

Ao final das atividades pensadas para trabalhar com os nomes e sobrenomes, sabemos que o processo ainda não teve fim, pois houveram muitos desdobramentos em diferentes disciplinas e isso o tornou ainda mais significativo. Podemos perceber a infinidade de propostas que poderiam ser pensadas a partir de um tema tão comum, mas que faz tanto sentido para as crianças e que traz tanta história.

É nítido o quanto passaram a se apropriar da escrita de seus nomes de outra forma. Não era mais somente uma forma de identificação. Após descobrirem a história de seus nomes, aquele nome passou a representá-las.

Questionar a origem de cada sobrenome instigou conhecer mais sobre as histórias das famílias. Nos surpreendemos, pois assim como as crianças também fizemos descobertas, e ressignificamos nossas turmas ao acompanharmos melhor suas trajetórias. Apesar de a ludicidade ser um dos pilares de nosso trabalho, a realidade dos alunos por vezes vem à tona e quando compartilharam suas memórias também apresentaram tristezas e traumas. Trabalhar nome e sobrenome é fazer reluzir subjetividades, abrindo caminhos para que conheçamos as crianças com quem convivemos e fazê-los trilhar rumo a seu autoconhecimento.

Este percurso foi muito significativo para as crianças, que participaram efetivamente das aulas e das atividades, trazendo muitas outras perguntas e considerações. Além disso, a proposta proporcionou uma interação muito grande entre meninos e meninas que estavam entrando em uma escola onde tudo era totalmente novo e desconhecido.



Referências

FERREIRO, Emilia. *Los procesos constructivos de apropiación de la escritura em Ferreiro y Gómez Palcios (comp.)*. Nuevas perspectivas sobre los procesos de lectura y escritura. México, Siglo XXI, 1982.

_____. *Com todas as letras*. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FREYRE, Gilberto. *Arte, Ciência e Trópico*. São Paulo: Difel/Difusão Editorial S.A., 1980. 2ª ed.

FOX, Mem. *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*. Ilustração Vivas Julie Editora: Brinquebook, 1984.

GÓES, Raquel Santos. *A música e suas possibilidades no desenvolvimento da criança e do aprimoramento do código linguístico*. UDESC VIRTU@L - ONLINE Revista do Centro de Educação a Distância –CEAD/UDESC Vol. 2, N.º 1 (2009) ISSN 1984-206 Florianópolis, Vol. 2, n.º 1, p. 27 - 43 mai. /jun. 2009.

MIRANDA, Cláudia; MICARELLO, Hilda; SCHAPPER, Ilka. *Manacá: Letramento e Alfabetização Ensino Fundamental - Anos Iniciais*. Editora Positivo. Curitiba, 2014.

MOREIRA, Nadja R. *O nome próprio na aquisição da escrita: a construção da nasal pre-consonantal*. Tese de Doutorado. PUC/SP, 1991, 165f.

SILVA, Marlene Maria Machado da; SANTIAGO, Ana Lydia. *Entre a letra e o nome: impasses subjetivos presentes no processo de alfabetização*. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032010000000000&script=sci_arttext>. Acessado em 18 de junho de 2017.

TEBEROSKY, A. *Psicopedagogia da Língua Escrita*. Trad. Beatriz Cardoso. 5ª edição. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP E EDITORA Vozes, 1993.

TOQUINHO E ELIFAS ANDREATO. *Canção de todas as crianças*. POLYGRAM, 1987.

OLIVEIRA, Rosane de Machado. *Literatura Infantil: A Importância no Processo de Alfabetização e Letramento e no Desenvolvimento Social da Criança*. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 02 Vol. 13 PP 375-394 Janeiro de 2017 ISSN:2448-0959

